

DAS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES AO TURISMO ORGANIZADO: A TRAJETÓRIA DAS VISITAÇÕES NAS FAVELAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Caroline Martins de Melo Bottino*

Resumo

Segundo Valladares (2005), as intervenções urbanas da gestão do Prefeito Pereira Passos, foram um dos fatores mais importantes no que podemos considerar como “a invenção das favelas”. A atividade turística nesses espaços, como aponta Freire-Medeiros (2009), tomou-se mais frequente após o evento da ECO-92. O presente artigo toma estas questões por base e se propõe a elucidar a trajetória das visitas às favelas da cidade do Rio de Janeiro desde o início do século XX. Este estudo tem por objetivo construir uma cronologia das visitas às favelas, desde o seu surgimento até os dias de hoje. A metodologia de pesquisa faz uso de periódicos, jornais e revistas, selecionando alguns marcos com o intuito de registrar o caminho que resultou na consolidação das favelas como local a ser visitado na cidade do Rio de Janeiro. Os primeiros relatos a respeito da vida no morro vieram dos engenheiros, higienistas e cronistas. Tão logo sua fama foi se espalhando, mais visitantes ilustres apareceram, desde poetas, artistas, políticos até líderes religiosos e monarcas, um processo muito semelhante ao Slumming inglês. As expedições às favelas foram sendo registradas ao longo dos anos, nos permitindo acompanhar sua evolução histórica até a sua inserção no turismo, transformando-se em atrativo e fazendo parte dos guias turísticos da cidade. O fato é, que apesar do que têm se acreditado, até o momento, de que o turismo foi responsável por incentivar as visitas às favelas cariocas, o que vemos no presente artigo é que este espaço já despertava curiosidade, interesse e atraía visitantes desde o século passado.

Palavras-chave: Turismo, Favela, Rio de Janeiro.

THE FIRST EXPEDITIONS TO ORGANIZED TOURISM: THE TRAJECTORY OF VISITS IN THE FAVELAS IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO

Abstract

According to Valladares (2005), the urban interventions of the administration of Mayor Pereira Passos were one of the most important factors in what we can consider as “the invention of the favelas”. The tourism activity in these spaces, as pointed out by Freire-Medeiros (2009), became more frequent after the ECO-92 event. This article takes these questions by base and proposes to elucidate the trajectory of the visits to the favelas of the city of Rio de Janeiro since the beginning of the 20th century. This study aims to construct a chronology of the favelas' visits, from its inception to the present day. The research methodology makes use of periodicals, newspapers and magazines, selecting some milestones with the intention of registering the path that resulted in the consolidation of favelas as a place to be visited in the city of Rio de Janeiro. The earliest reports of life on the hill came from engineers, hygienists, and chroniclers. As soon as his fame spread, more illustrious visitors appeared, from poets, artists, politicians to religious leaders and monarchs, a process very similar to English Slumming. Expeditions to the favelas were recorded over the years, allowing us to follow its historical evolution until its insertion in tourism, becoming attractive and being part of the city's tourist guides. The fact is that, despite what has been believed so far, that tourism was responsible for encouraging visits to the favelas in Rio de Janeiro, what we see in this article is that this space already aroused curiosity, interest and attracted visitors from the last century.

Keywords: Tourism, Slums, Rio de Janeiro.

DE LAS PRIMERAS EXPEDICIONES AL TURISMO ORGANIZADO: LA TRAJETORÍA DE LAS VISITACIONES EN LAS FAVELAS DE LA CIUDAD DEL RIO DE JANEIRO

Resumen

Según Valladares (2005), las intervenciones urbanas de la gestión del Alcalde Pereira Passos, fueron uno de los factores más importantes en lo que podemos considerar como “la invención de las favelas”. La actividad turística en esos espacios, como apunta Freire-Medeiros (2009), se hizo más frecuente tras el evento de la ECO-92. El presente artículo toma estas cuestiones por base y se propone dilucidar la trayectoria de las visitas a las favelas de la ciudad de Río de Janeiro desde principios del siglo XX. Este estudio tiene por objetivo construir una cronología de las visitas a las favelas, desde su surgimiento hasta los días de hoy. La metodología de investigación hace uso de periódicos, periódicos y revistas, seleccionando algunos marcos con el propósito de registrar el camino que resultó en la consolidación de las favelas como local a ser visitado en la ciudad de Río de Janeiro. Los primeros relatos acerca de la vida en el cerro vinieron de los ingenieros, higienistas y cronistas. Tan pronto su fama se extendió, más visitantes ilustres aparecieron, desde poetas, artistas, políticos hasta líderes religiosos y monarcas, un proceso muy similar al Slumming inglés. Las expediciones a las favelas se registraron a lo largo de los años, permitiendo acompañar su evolución histórica hasta su inserción en el turismo, transformándose en atractivo y formando parte de los guías turísticos de la ciudad. El hecho es que, a pesar de lo que se ha creído, hasta el momento, de que el turismo fue responsable de incentivar las visitas a las favelas cariocas, lo que vemos en el presente artículo es que este espacio ya despertaba curiosidad, interés y atraía visitantes desde el pasado siglo pasado.

Palabras Clave: Turismo, Favela, Rio de Janeiro.



Licenciada por Creative Commons
Atribuição Não Comercial / Sem
Derivações/ 4.0 / Internacional

* Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais/FGV-CPDOC, Especialista em Gestão de Empreendimentos turísticos/ UFF, Bacharel em Turismo/ UVA. Cursando especialização em Sociologia Urbana/ UERJ. Professora Tutora à distância do curso de Licenciatura em Turismo oferecidos pela UNIRIO e pela UFRRJ através do consórcio CEDERJ. Professora visitantes na especialização em Turismo Cultural oferecida pelo Instituto dos Pretos Novos em parceria com a FEUDUC. Atua nas áreas de turismo, antropologia e sociologia urbana, com ênfase, nas seguintes linhas de pesquisa e campos temáticos: história do turismo em favela, antropologia do turismo, sociabilidade em condomínios residenciais, favelas e margens urbanas.

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma das atividades econômicas que mais movimentam os diversos setores da cadeia produtiva carioca. Mais do que um fenômeno mercadológico o turismo implica o estreitamento das relações entre diferentes indivíduos ao redor do mundo, fazendo com que as pessoas tenham acesso a culturas, gastronomia, hábitos e línguas diferentes da sua origem. Posto isto, devemos compreender o turismo como uma atividade complexa, que vai além do quesito financeiro, lidando com os indivíduos e suas convicções, crenças e costumes. Por esse motivo, o turismo em favelas é, sem dúvida, um assunto muito delicado, que vem sendo pesquisado por diversos estudiosos de áreas distintas, em especial nas ciências sociais. Muitos são os trabalhos que tratam da experiência dos visitantes, outros dos impactos dessa atividade na rotina da localidade, alguns estudam as relações entre turistas e moradores, mas, ainda assim, os olhares quase sempre se voltam para os indivíduos que participam desse processo e não para o fluxo.

O presente artigo busca elucidar a trajetória das visitas às favelas da cidade do Rio de Janeiro até a consolidação da atividade turística que transformou esses espaços em produto. Até então, acreditava-se que foram os empresários considerados pioneiros nessa atividade que “inventaram” a favela como local a ser visitado, contudo, o que vemos no presente estudo é que desde o seu surgimento esse espaço desperta curiosidade e atrai visitantes do mundo todo. Mesmo que ainda no final do século XIX, quando começaram as primeiras expedições, não fosse cobrado nada pelos que mediavam essas visitas, ainda assim, devemos considerar esse processo como precursor do turismo o que deslegitima o discurso de que tudo começou com a ECO-92. Esse marco temporal é apenas para a atividade turística de forma organizada, para a exploração do espaço como atrativo turístico, ou seja, como produto a ser comercializado, pois visitar a favela como aqui vemos, tem seu início junto com o surgimento dessas áreas, o que nos leva a estabelecer uma conexão com o fenômeno inglês denominado *Slumming* muito comum na década de 1880, ainda no século XIX.

Isto posto, este estudo analisa os diversos registros de visitas às favelas através de periódicos e revistas, apresentando imagens e relatos que nos ajudam a compreender essa trajetória. Iniciando com os cronistas, os higienistas e jornalistas, passando para artistas, monarcas, religiosos e políticos, os primeiros visitantes eram em sua maioria figuras públicas, ao menos os registros encontrados apenas davam conta de indivíduos com

um certo grau de notoriedade. Muito embora essas visitas tenham sido duramente criticadas desde o seu início e continuam sendo até os dias de hoje, vemos que o governo foi um dos principais incentivadores desse processo, onde, muitas das vezes incluiu no roteiro de visitantes ilustres uma incursão à favela. O mesmo governo que queria extirpar esse tipo de habitação, em um dado momento incentivou e estimulou o seu avanço e consolidação. Assim sendo, o presente artigo se propõe a compreender esse percurso que resultou no turismo organizado e em uma favela produto.

2 REVISÃO TEÓRICA

Muitos são os fatores considerados responsáveis pelo avanço das favelas na cidade do Rio de Janeiro. Segundo VALLADARES (2005), o declínio das lavouras e o processo de urbanização culminaram em uma crise habitacional, forçando os indivíduos à ocuparem os morros que cercavam o centro da cidade para que pudessem continuar a viver próximo às principais ofertas de trabalho. Desde o seu surgimento, as favelas cariocas figuram as manchetes dos jornais, despertam curiosidade ao mesmo tempo que preocupam as autoridades e a população como um todo. Nas palavras de um famoso cronista do Rio, Luiz Edmundo (1938):

Alcançamos, enfim, uma parte do povoado mais ou menos plana e onde se desenrola a cidadela miseranda. O chão é rugoso e áspero, o arvoredo pobre de folhas, baixo, tapetes de tiririca ou de capim surgindo pelos caminhos mal traçados e tortos. Perspectivas medíocres. Todo um conjunto desmantelado e torvo de habitações sem linha e sem valor [...]. Construções, em geral, de madeira servida, tábuas imprestáveis das que se arrancam a caixotes que serviram ao transporte de banha ou bacalhau, mal fixadas, remendadas, de cores e qualidades diferentes, umas saltando aqui, outras entortando acolá, apodrecidas, estilhaçadas ou negras. Coberturas de zinco velho, raramente ondulado, lataria que se aproveita ao vasilhame servido, feitas em folha de flandres. Tudo entrelaçando toscamente, sem ordem e sem capricho. (EDMUNDO 2003, vol. 1, pp. 143-144)

Vemos um relato sobre sua primeira visita ao morro de Santo Antônio, onde hoje fica a praça do Largo da Carioca. Nesta época, muito se ouvia falar das habitações insalubres que vinham se multiplicando pelos morros da cidade, após a derrubada dos principais cortiços da região,

despertando assim a curiosidade das pessoas em compreender como era a vida nessas localidades, desde o início do século XX.

Já notaram que a miséria interessa e agrada sempre, ao confortado, pelo pitoresco que encerra, pelo que representa como assunto capaz de alegrar-lhe os olhos e o espírito? Nas capas das revistas elegantes, a figura de um mendigo deleita, recreia, satisfaz. O turista de bom-tom, a primeira coisa que deseja visitar em uma grande cidade é o bairro da pobreza. – Já viu White Chapel em Londres? Tão Curioso! – E Moabit, a feira dos andrajos, em Berlim? Os pintores aristocráticos fixam com afã aspectos miseráveis da vida dos desprezados e dos que nada tem. (EDMUNDO, 2003).

O interesse em visitar as áreas pobres de uma cidade fez parte do desejo dos turistas e despertava a curiosidade dos cidadãos desde o final do século XIX. Na Inglaterra, por exemplo, o *slumming* foi, por muitos anos, uma prática comum aos que de alguma forma interessavam-se pela pobreza, não somente os membros de Igrejas ou grupos de assistência social, mas qualquer um, parte integrante da sociedade dotado de recursos financeiros, sentia-se obrigado a conhecer, vivenciar ou até mesmo trabalhar por algum período em áreas desfavorecidas. (FREIRE-MEDEIROS, 2009)

[Adderley] lançou mão da “dama lânguida” que era levada às docas para ver um estivador de carne e osso, com o único propósito de impressionar seus convidados, que iam jantar naquela noite. Criticou os “ricos provocadores” que chegavam a *East London* tão cheios de pressuposições literárias que os *slums* visitados não lhes deram, nem de longe, “suficientemente *slummy*”. O *slumming* da moda encorajava alguns observadores a trivializar a pobreza, transformá-la em entretenimento em causa própria e perpetuar preconceitos absurdos sobre a selvageria dos pobres. Disfarçava a curiosidade sexual sob o garbo de altruísmo social. Não havia razão para lamentar seu fim como tendência. (KOVEN *apud* FREIRE-MEDEIROS, 2009).

Segundo Freire-Medeiros (2009), “a elite vitoriana fez da experiência em primeira mão entre os indigentes algo essencial aos que aspiravam falar com autoridade acerca das questões sociais da época.” Esse processo denominado *slumming*, foi definido pelo dicionário de Oxford em 1884, como uma tendência a visitar áreas pobres seja com intuídos filantrópicos ou por mera curiosidade. Tal prática foi muito criticada e vista como um altruísmo social

disfarçado, uma forma de entretenimento bastante egoísta que acabava por banalizar a pobreza. Dessa maneira as classes que trabalhavam diretamente no auxílio aos pobres como clérigos e filantropos começaram uma espécie de luta para se diferenciarem dos curiosos e alguns jornalistas. Não bastava apenas visitar esses espaços, era preciso compartilhar sua experiência com os outros, da sua mesma classe social, para obter uma espécie de prestígio diante dos demais. Muitas vezes os relatos não eram o suficiente, alguns faziam questão de registrar sua vivência através de fotografias sob a premissa de fins científicos. No fim dos anos 1880, o *slumming* transformou-se em um tipo de paixão, uma forma de atravessar as barreiras que separavam os ricos dos pobres, os virtuosos dos desprezíveis. (FREIRE-MEDEIROS, 2009)

Em 1890 a prática do *slumming* começou a sair de moda e perder seu sentido, seu declínio se deu junto com o fim desta onda humanitária que mobilizou a Inglaterra entre 1880 e 1890. Posto isto, o presente artigo se propõe a compreender, esse processo que mistura curiosidade e altruísmo social, que faz com que as pessoas se sintam atraídas por essas localidades de penúria. Contudo, é importante salientar que a cidade do Rio de Janeiro só começou a experimentar essa prática, nas favelas da cidade, no final do século XIX, ainda assim, as incursões a que temos notícia restringiam-se à políticos, cronistas, jornalistas, higienistas, arquitetos e pessoas com algum grau de notoriedade ao ponto de merecerem um registro da mídia impressa da época. Assim sendo, não é possível afirmar que as movimentações em torno das favelas cariocas foram iguais ao processo do *slumming* mesmo assim, podemos tomá-lo como referência para compreender esse desejo peculiar de conhecer esses lugares.

Isto posto, tal processo não poderia ainda ser considerado uma atividade turística. Sem nenhum tipo de organização prévia e roteiros acordados, as visitas eram realizadas quase sempre em conjunto com algum representante do governo e nenhum valor era cobrado, ao menos não foram encontrados registros que evidenciem tal prática. Ainda assim, compreender a trajetória das visitas auxilia no entendimento da atividade turística que hoje é praticada. Trata-se de uma cronologia do interesse pela favela, da busca pelo “exótico”, que transformou às expedições do final do século XIX e início do século XX em um produto turístico a ser comercializado, permitindo o acesso à todo o qualquer indivíduo que possui interesse em conhecer “a vida no morro”.

3 METODOLOGIA

O presente artigo se constrói em uma lacuna entre a obra de Valladares (2005) e Freire-Medeiros (2009). A primeira tratou da invenção da favela e o seu processo de desenvolvimento ao longo dos anos. Já a segunda, apresentou um panorama a respeito da atividade turística em áreas consideradas marginais, tomando por base os tours pelas favelas do Rio de Janeiro.

Diante disso, nos propomos a analisar as visitas às favelas desde o seu surgimento até a implantação do turismo, fazendo uma ligação entre a história das favelas e a consolidação do turismo nessas áreas. Uma revisão bibliográfica se fez necessário para compreender os dois processos, além das obras já citadas, são também referências para essa pesquisa: Backheuser (1996), Benchimol (1992) e Abreu (1988).

Para construir essa cronologia se fez necessário buscar fontes documentais e registros das primeiras expedições às favelas cariocas.

Posto isto, foi realizada uma minuciosa pesquisa na hemeroteca digital que disponibiliza um vasto acervo de periódicos em sua plataforma digital e no acervo digital do jornal O Globo. Para encontrar essas notícias foi feita uma busca por décadas, da palavra-chave “favella” em sua antiga grafia. Todos os periódicos que apresentavam alguma menção à favela foram analisados e salvos e agrupados por data.

No segundo momento, foi realizada uma seleção de matérias relevantes, que relatassem uma incursão à

favela e que de preferência possuísse alguma imagem ilustrativa. A construção da cronologia foi se dando através dessa seleção, privilegiando os acontecimentos com maior destaque, ou seja, matérias de primeira capa e/ou com grandes frases de chamada e com as imagens mais nítidas possíveis.

Essa pesquisa documental, que teve por base periódicos, jornais e revistas, impressos e digitais, complementa a bibliografia que trata do surgimento da favela e dialoga com as pesquisas sobre a atividade turística nessas localidades, estabelecendo uma conexão entre as duas teorias e apresentando um resultado novo que só tem a somar às pesquisas e todo material já publicado até então.

Trata-se de um pedaço de um estudo muito maior, que abarcou também a história das empresas que atuam com turismo nas favelas, contudo, aqui nos atemos apenas a trajetória das visitas.

4 ANÁLISE

A curiosidade da população por esse espaço, até então misterioso, instigava brasileiros e estrangeiros a subir o “Morro da Favella” para conhecer essa realidade aterradora. Muitos foram os jornais e revistas da época que buscaram registrar o cotidiano dos seus habitantes através de crônicas, quadrinhos, charges, causos e imagens como a que segue abaixo, publicada pela Revista da Semana e registrada pelo Jornal do Brasil.

Figura 1: Imagens do Morro da Favella, nos anos 1920.



Fonte: Revista da Semana, publicada em 10 de junho de 1907.

As mais distintas motivações deram origem a infinitas descrições sobre o que havia no morro da favela. Everardo Backheuser (1879-1951), engenheiro e geólogo, peregrinou pelas moradias insalubres e redutos de pobreza na cidade do Rio de Janeiro, produzindo um relatório sobre as habitações populares. Depois de combater os cortiços, casas de cômodos e pensionatos, colocando abaixo grande parte desses tipos de moradias sob a justificativa sanitária, foi a vez das autoridades olharem para os morros ao redor da cidade. Escrevendo em 1879, ele diz:

O morro da Favella é íngreme e escarpado; as suas encostas em ribanceiras marchetam-se, porém, de pequenos casebres sem hygiene, sem luz, sem nada. Imaginem-se, de facto, casas (!) tão altas como um homem, de chão batido, tendo para paredes trançados de ripas, tomadas as malhas com porções de barro a sopapo, latas de kerosene abertas e juxtapondo-se táboas de caixões; tendo para telhado essa mesma mixtura de materiais presos à ossatura da coberta por blocos de pedras de modo a que os ventos não as descubram; divisões internas mal acabadas, como que paradas a meio com o propósito único de subdividir o solo para auferir proventos maiores. É isto pálida idéa do que sejam estas furnas onde, ao mais completo desprendimento por comessinhas noções de asseio, se allia uma falta de água, quasi absoluta, mesmo para beber e cosinhar. (BACKHEUSER, 1996)

Era como se houvessem duas cidades em uma só. Ao mesmo tempo que os projetos de urbanização do então prefeito Francisco Pereira Passos remodelavam a cidade, com o intuito de extirpar as

lembranças da cidade colonial pestilenta para dar espaço aos novos tempos republicanos, subia para os pontos mais altos da cidade tudo aquilo que se queria esconder. Não houve planos para acabar com a pobreza, apenas obras de remodelação e com isso ela continuava ali, se desenvolvendo como uma espécie de vila da miséria e abandono, segundo o relato de João do Rio, que escreveu em 1911:

Acompanhei-os e dei num outro mundo. A iluminação desaparecera. Estávamos na roça, o sertão, longe da cidade. O caminho, que serpeava descendo era ora estreito, ora longo, mas cheio de depressões e de buracos. De um lado e de outro casinhas estreitas, feitas de tábuas de caixão[...] Como se criou ali aquela curiosa vila de miséria indolente? O certo é que hoje há, talvez, mais de cerca de mil e quinhentas pessoas abrigadas lá por cima[...] Todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas-flandres, taquaras[...] Tinha-se, na treva luminosa da noite estrelada, a impressão lida da entrada do arraial de canudos [...] Pergunto a profissão de cada. Quase todos são operários, mas "estão parados". (JOÃO DO RIO *apud* SEVCENKO)

São através de crônicas como a citada acima, de relatórios e reportagens de jornal que podemos acompanhar a trajetória das incursões às favelas cariocas ao longo dos anos nos permitindo compreender melhor a relação estreita que tem hoje o turismo com as favelas cariocas. Foram registros como os que vimos que divulgaram ainda mais as favelas pelo mundo, trazendo até elas visitantes ilustres como vemos na manchete abaixo:

Figura 2: Primeira página do jornal O Globo em 18 de maio de 1926.



Fonte: O Globo em 18 de maio de 1926.

O poeta Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), precursor do movimento futurista¹, em visita ao Rio de Janeiro em 1926, fez questão de realizar o que ele intitulou como excursão ao Morro da Favella. Questionado pelos jornalistas do jornal O Globo durante uma palestra, ele relatou sua experiência com muita naturalidade. Acompanhado de sua esposa, de alguns jornalistas e de um negociante, morador local, o poeta começou sua expedição por volta das 11 horas da noite. Escolhera este horário pois acreditava que assim não correria tanto risco de ser interpelado pelos meliantes que lá viviam, pois, a esta altura eles já haveriam descido para cometerem seus delitos pela cidade. Marinetti ficou comovido com o que viu e impressionado com as construções de latas amarradas. Para ele, aquilo era melhor que Copacabana, a vista da cidade lá do alto era para ele tão deslumbrante, que comentou: “Que sítios privilegiados escolheu aquela gente”.

Apesar da impressão positiva que o poeta teve em sua incursão, a crítica dos jornalistas à sua visita e depoimentos foi demasiadamente dura, com um tom de deboche. Fazendo uma referência aos elementos utilizados pelo poeta futurista o jornal encerrou a matéria dizendo que não queria desmanchar a impressão do futurista pois acreditava que aquilo poderia render-lhe alguns poemas, mas que o mesmo deveria retornar ao local em um dia de sol para ver a verdadeira face do Morro da Favella, com seus trabalhadores e bandidos em meio àquela situação de miséria.

Na década de 1920, começou a surgir uma nova concepção de urbanismo, oposta ao conceito defendido pelos higienistas. Uma visão mais técnica dos problemas urbanos como moradia, saneamento e circulação, que buscava uma cidade mais sistêmica. Nesse período iniciou-se uma campanha, encabeçada por Mattos Pimenta (1889-1979)², para extirpar as favelas da cidade. Para isso, ele produziu um filme chamado *As Favellas* que chegou a ser exibido para o presidente da República, Washington Luiz. Com isso conseguiu o apoio do Prefeito da cidade entre 1963 e 1930 Antônio Prado Junior e imprimiu folhetos para a divulgação do seu projeto de “casas populares”, que para Mattos Pimenta seriam a solução das favelas cariocas. (VALLADARES, 2005).

¹ O futurismo foi um movimento artístico e literário, que teve início em 20 de fevereiro de 1909 com a publicação do Manifesto Futurista, pelo poeta italiano Filippo Marinetti, no jornal francês Le Figaro. O movimento rejeitava o moralismo e o passado, baseavam-se na velocidade e nos desenvolvimentos tecnológicos do final do século XIX.

² João Augusto de Mattos Pimenta foi um membro ilustre do Rotary Club, viajante. Apresentava-se como médico sanitário, jornalista, engenheiro, porém, o que se sabe ao certo é que ele foi o fundador e presidente do sindicato dos corretores de imóveis até 1946.

Figura 3: Matéria publicada pelo jornal O Globo em 8 de março de 1927.



Fonte: O Globo em 8 de março de 1927.

Mesmo assim, em março de 1927, o sanitário Dr. Thadeu Medeiros liderou mais um movimento de higienização e embelezamento da cidade, como vemos na matéria abaixo, que relata a visita realizada a uma favela na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana, onde conseguiu convencer os seus moradores de que não havia possibilidades de mantê-los ali, em tais condições e que todos deveriam ser removidos daquele lugar. Ele deixou claro que o espaço foi ocupado de forma irregular e, portanto, não seria possível que o governo os indenizasse. Na reportagem, os moradores relataram que só ocuparam aquele espaço, conhecido como Villa Rica, porque tiveram o apoio de alguns funcionários do governo, que lhes cobraram uma quantia para fazer “vista grossa” à ocupação dessa localidade. Mesmo assim, o sanitário conseguiu a remoção da favela da Villa Rica.

Antes disso, em janeiro de 1927, o arquiteto francês Donat Alfred Agache foi convidado a participar na cidade do Rio de Janeiro de uma série de conferências sobre urbanismo. Sua participação transformou-se em contratação em 1928. O arquiteto durante sua estada na cidade para a conferência foi mais um dos ilustres visitantes da favela, que posteriormente viria a se tornar parte das metas do seu projeto urbanístico para a cidade do Rio de Janeiro. Segundo a matéria que vemos abaixo, publicada pelo jornal O Globo, o arquiteto, acompanhado pelo engenheiro Everardo Backeuser, foram recebidos na

favela com uma típica feijoada, servida em uma pensão local próxima aos armazéns. Segundo o jornal, sua

excursão ao morro teve o intuito de estudar os típicos aspectos de vida daquela população local.

Figura 4: Matéria publicada pelo Jornal O Globo em 18 de janeiro 1927.



Fonte: O Globo em 18 de janeiro 1927.

Mesmo com a intensa movimentação de visitantes ilustres, a favela ainda era, naquele momento, o grande problema social da cidade do Rio de Janeiro. Ela evidenciava as mazelas da sociedade, as falhas do poder público em prover dignidade ao povo e por isso foi duramente combatida ao longo dos anos, com diversos projetos, intervenções e sanções por parte do governo. Ainda na década de 1920, o termo favela passou a ser uma expressão genérica, que não mais se referia apenas ao Morro da Providência, mas que poderia ser usada para designar toda e qualquer área da cidade que possuísse algum tipo de ocupação irregular.

Com isso, observamos que as incursões às favelas cariocas, ainda tinham por objetivo a compreensão do espaço com o intuito de buscar soluções e alternativas para impedir o seu avanço e tentar extirpar as favelas da cidade. Contudo, podemos perceber que havia, mesmo que implícito, um pouco do *slumming*, mais comedido e disfarçado talvez, em cada uma das excursões, justificando-se na prerrogativa dos estudos para os projetos urbanísticos da cidade. É possível notar facilmente uma interação e uma tentativa de aproximação com os habitantes locais ao provarem dos quitutes típicos, requisitarem o acompanhamento de um morador local durante as visitas, sempre na tentativa de experimentar de uma forma mais intensa e autêntica do que um simples observador aquele espaço pitoresco pela pobreza que o assola.

Figura 5: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 11 de maio de 1936.



Fonte: O Globo em 11 de maio de 1936.

Em 1930, com a posse de Getúlio Vargas, uma nova representação das classes populares surgiu. Ele nomeou Pedro Ernesto como prefeito da cidade do Rio de Janeiro em 1931. Com ideais semelhantes aos de Getúlio Vargas, Pedro Ernesto ficou conhecido como “o médico dos pobres”, pois seus planos iniciais

eram construir escolas e hospitais. Seu pensamento se assemelhava aos progressistas americanos do século XX que acreditavam na construção de uma responsabilidade pública pela pobreza com o intuito de reduzi-la e amenizar o estigma de inferioridade. (VALLADARES, 2005)

Foi Pedro Ernesto que, entre 1932 e 1934, entrevistou nos conflitos sobre a propriedade do solo e instaurou o diálogo entre os moradores das favelas e o governo. Em 1934, organizou uma manifestação na favela da Mangueira e inaugurou uma escola pública no lugar. Apadrinhou diversas crianças nas favelas, trocava votos por favores e assim tornou-se muito popular entre os pobres, despertando assim o receio por parte do presidente Getúlio Vargas, que acabou

afastando-o do poder em 1936. (VALLADARES, 2005).

Nesse momento o olhar sobre as favelas mudou de território a ser extirpado para terreno favorável a negociações políticas. Com isso a favela passou de problema a oportunidade e deixou de ser combatida para ser melhorada. Os governantes buscavam nas favelas eleitores em potencial, porém a imagem da favela ainda continuava a mesma, de um território de descaso e pobreza. Sua existência não se concentrava mais na zona central da cidade, expandindo-se também para as zonas sul, norte e oeste. Não demorou muito para as críticas a essa nova forma de gerir as favelas começarem a aparecer, como vemos na imagem abaixo.

Figura 6: Charge publicada pela revista Careta em 26 de setembro de 1931.



Fonte: revista Careta em 26 de setembro de 1931.

O número de “expedições” ou “excursões” foi crescendo com o passar dos anos e a favela que o futurista Marinetti conheceu, que o João do Rio descreveu e Agache visitou, virou poesia nas letras do ritmo que se tornou a marca do povo carioca. O samba, que muitos acreditam ter nascido na favela, fez da vida no alto dos morros cariocas inspiração para muitas canções e em 1935, a favela já havia se transformado em poesia.

Hoje és a sombra do Passado! Vives ainda do teu prestígio de lenda, com os teus fios de arame onde a roupa secca ao sol; com as tuas galinhas e porcos debicando e fuçando a terra; com os teus “malandros” que ainda tangem o “pinho”

caricioso e plangente; com as tuas morenas que inflamam os teus casebres de “flandres” e taboas de pinho, onde o vento assobia e a chuva entardalhaça; com os teus garotos sujos e seminús, soltando o “papagaio” e treinando na “chapinha” para as futuras trapaças. [...] O teu tempo, a tua idade de ouro passou! A policia perseguiu os teus meandros, esquadrinhou os teus desvãos, levou para cima um pouco da compostura da planície circunvizinha e trouxe para baixo, integrando-as no mundo quieto da gente ordeira, umas poucas das parcelas da tua orgia, da tua canalhice, do teu terror... E agora vives no embalo de um socego quase de beatitude, alarmado apenas, de longe em longe, por uma estranha surreição do Passado e em

todas as tuas noites serenas pela musica sugestiva dos teus sambas... Favella de romance e de tragédia! Quem te viu e quem te vê... (Revista da Semana, 1935)

Na reportagem acima, intitulada “Favela, o Berço do Samba”, publicada pela Revista da Semana em 30 de março de 1935, fica evidente que a favela já não era mais a mesma do início do século XX. Ela faz menção à sua fama de outrora e do tempo em que todas as atenções se voltavam para as favelas, governo, mídia, artistas e intelectuais. Poderíamos, talvez, considerar que este seria o momento de consolidação das favelas na paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro. O início da tentativa de inserção desses espaços como apenas mais um dos muitos plurais territórios existentes dentro da cidade.

Chegamos assim à origem da ideia de se fazer da favela mais um ponto a ser explorado por todos que desejam conhecer “a fundo” ou de forma mais autêntica a cidade do Rio de Janeiro. Assim, em 1931, o Príncipe de Gales esteve no Brasil e foi recebido pelo então presidente Getúlio Vargas. Sua

estadia durou alguns dias, com muitas programações diárias que variaram de almoços oficiais, jogos de polo, encontro com jornalistas e etc. A cidade teve suas principais avenidas decoradas para a recepção do herdeiro do trono, do que naquela época todos consideravam o maior império da terra, segundo a reportagem que noticiou tal visita, publicada em 25 de março de 1931 pelo jornal O Globo.

Nesse momento, notamos, através de reportagens e charges da época, que a favela passava por uma transição, de problema social a espaço exótico, um esboço do que viria a ser considerado, anos mais tarde, um atrativo turístico. Não se sabe ao certo se é verdade, ao menos não foi encontrada nenhuma reportagem que fundamentasse tal hipótese, mas a revista *Careta*, em forma de sátira, publicou, como vemos abaixo, o que seria o novo protocolo oficial para recepção de Chefes de Estado, incluindo a visita à favela como compromisso oficial. A charge sugere uma possível visita do príncipe ao Morro da Favella tendo o presidente Getúlio Vargas como anfitrião.

Figura 7: Charge publicada pela revista *Careta* em 28 de março de 1931.



Fonte: revista *Careta* em 28 de março de 1931.

A revista faz uma ligação entre o Morro da Favella e a *White Chapel*, comparando a *slum* britânica com os morros cariocas. Dessa forma, notamos uma dura crítica às excursões às favelas por parte dos visitantes estrangeiros e ao incentivo dado à esta prática pelos governantes. Na charge, vemos uma associação do espaço favela com uma das comidas

mais tradicionais da cidade, a feijoada, lembrando o episódio da visita de Agache e sua recepção com a mesma iguaria da gastronomia regional. Seria esse o momento do surgimento do conceito de favela como representação dos hábitos e costumes populares, como uma amostra da cultura carioca? Não podemos afirmar, contudo a associação da favela à feijoada e ao

samba começam se repetir em muitos relatos nas demais excursões que se seguem.

Em setembro de 1935, Humberto Mauro, Henrique Pongetti e Carmen Santos lançaram um filme chamado: *Favela dos meus amores*. O filme contava a história de dois rapazes, recém-chegados de Paris com ideias civilizadoras. Como voltaram sem dinheiro, resolvem fazer um leilão de seus móveis com a ideia de construir um cabaré na favela, para atender aos turistas em busca de novas opções e também aos moradores da cidade. Dentre seus personagens estavam, o capitalista Sr. Palmeira, um português apaixonado por mulatas, que adora a ideia dos rapazes. Vivendo no morro eles conhecem uma professora que ensinava as crianças na escola local, Dona Rosinha, por quem um deles se apaixona, desenrolando assim a trama do filme (NAPOLITANO, 2009).

Subi o morro, atrás da Central onde se localiza a primeira e quase única favela carioca, temida como viveiro de marginais. Estudei o meio entre a desconfiança e a ironia dos moradores. Ao propor o aluguel da sala de uma escola de samba, a contratação de figurantes e o fornecimento de comida à equipe, percebi que me consideraram um embusteiro, provavelmente a serviço da polícia. (PONGETTI *apud* NAPOLITANO, 2009)

O filme foi um sucesso, muito elogiado pela fotografia, pelos artistas escolhidos e a trilha sonora contava com grandes nomes da música brasileira tais como: Ary Barroso, Orestes Barbosa, Custódio Mesquita e Sílvio Caldas. Chegou a ser exibido nos melhores cinemas do Rio de Janeiro como o Odeon e em São Paulo, no Alhambra. A chegada da favela ao cinema nacional foi muito noticiada, jornais e revistas da época como: *O Malho*, *Diário de Notícias* e *A Manhã*. Todos publicaram reportagens anunciando sua estreia e o seu sucesso de bilheteria e crítica. Em entrevista ao *Malho*, a protagonista, Carmen Santos, fala que o filme foi feito para o povo brasileiro, os favelados e os suburbanos operários das fábricas. Mas, apesar do sucesso, todas as cópias do filme sumiram, não restando nenhum resquício dele em imagens.

Na década de 1940, foi a vez da cidade receber Walt Disney, o cartunista americano, mundialmente famoso pela criação do personagem Mickey Mouse. Sua visita ao Brasil rendeu inúmeras fotografias, com uma equipe de cartunistas, reproduziu em desenho plantas do jardim botânico, realizou asseios de barco, visitou às praias e fez muitas fotografias. Tal visita teria sido a inspiração para a criação do personagem Zé Carioca e deu origem à dois filmes de animação: “Alô amigos” e “Você já foi à Bahia?”.

Tal personagem representava a figura do malando carioca através de um desenho de um papagaio vestindo terno, gravata borboleta e chapéu panamá. Zé Carioca morava no que poderíamos considerar, uma junção de várias favelas da cidade, a Vila Xurupita. Durante minhas pesquisas para esse projeto de pesquisa não foram encontrados registros de uma visita oficial de Walt Disney a uma favela, mas o que desejo pontuar é o fato dela ter sido inserida ao contexto do personagem que mostrava um pouco da cidade do Rio de Janeiro e seus atrativos turísticos internacionalmente, já que o mesmo foi lançado pelo cartunista nos Estados Unidos da América. Portanto, podemos refletir sobre esse processo que através das visitas de pessoas ilustres a favela sempre noticiada pela mídia, bem como pela sua chegada ao cinema como cenário do enredo principal de um filme e sua transformação em lar de um personagem de desenho animado, culminou na suavização do estigma da favela aceitando-a não só como parte da cidade do Rio de Janeiro, mas fazendo desta uma representação da autenticidade do jeitinho carioca, uma espécie de referência da cidade e seu povo.

Podemos ver timidamente a movimentação que alguns anos mais tarde vai desencadear na comercialização de passeios turísticos às favelas cariocas, que até o presente momento, eram feitos sem planejamento, organização e cobrança de qualquer valor para a realização do mesmo. Nesse momento, as excursões ainda se resumiam a uma atividade desempenhada apenas por pessoas influentes, artistas, intelectuais, políticos, chefes de estado e religiosos como continuaremos observando nas excursões que se seguem.

Em 1975, o prefeito de Paris, Jacques Corbon, veio à cidade do Rio de Janeiro e incluiu em seus passeios turísticos uma visita à Cidade de Deus e à Rocinha. O prefeito, acompanhado de uma equipe de seis urbanistas, fotografou muito durante todo o trajeto e elogiou a disposição dos moradores das favelas em transformar seus barracos em casas de alvenaria, mas também se espantou com o número de pessoas que habitavam a favela naquela época, que já superava o crescimento demográfico do centro de Paris.

O Papa João Paulo II visitou o morro do Vidigal em julho de 1980, e em seu discurso disse que a igreja católica no Brasil queria ser a igreja dos pobres. Ele inaugurou uma capela a São Francisco e entregou de presente um anel de ouro ao padre Ítalo Coelho, presidente da pastoral das favelas, pedindo que o mesmo vendesse e revertesse o dinheiro em melhorias para os favelados. A visita não durou mais de uma hora, mas repercutiu em todos os jornais da época.

Figura 8: Matéria publicada pelo jornal O Globo em 03 de julho de 1980.

O GLOBO Quinta-feira, 3/7/80 VISITA DO PAPA • 13

Papa dá anel de ouro para ajudar favela



O PAPA NO BRASIL

AGENDA HOJE

■ As 19h30, o papa encerrará o dia, dando o seu discurso final. As 19h30, no centro do santuário, seguirá para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Rua de São Francisco, Avenida Presidente Vargas, Avenida Brasil, Estádio do Maracanã, onde Paulo II encerrará à noite.

Na visita, ontem, o Papa do Vaticano, o papa João Paulo II dirigiu seu discurso a todos os favelados do País, salientando que "a favela tem uma verdadeira personalidade e merece ser considerada como uma verdadeira comunidade".

Após inaugurar a capela de São Francisco, aqui neste momento, entregou um anel de ouro ao padre João Celso, coordenador da Pastoral das Favelas da Arquidiocese de Rio de Janeiro, recomendando que o anel seja usado e distribuído em pequenas partes às favelas.

As 19h30, o papa chegou à favela, de onde saiu às 19h45, tendo permanecido 15 minutos além do tempo previsto.

Assim que o "papamóvil" surgiu na Avenida, João Paulo II foi saudado festivamente por cerca de cinco mil pessoas, principalmente crianças, que gritavam: "Lá vem o papa", "Olá lá o papa", "Viva o papa", enquanto aplaudiam, beijavam e abraçavam com a euforia dos "favelados", animados pela batida de 18 tambores do Bloco Acadêmico do Vaticano.

Cent e seis santos costumes, o papa, entre o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, o Eugênio Sales, e seu secretário particular, Sebastião Dalcin, acabou de dentro do "papamóvil", que trafegava a cerca de 10 quilômetros por hora.

Quando o "papamóvil" parou no início da Rua D. Augusto Sales, João Paulo II, a cerca de dois metros dos jornalistas, que não conseguiram permissão para subir à favela durante a visita, tirou o chapéu, de feltro vermelho ornado com bordado e viúva desfilou (utilidade nos dias de sol, choveu no mesmo dia), segurando no alto o crucifixo. A seguir, retirou também, momentaneamente, o sorriso.

A primeira bênção, além de dentro do "papamóvil" parou no frontão do templo do Vidigal, foi para os jornalistas que se aglomeravam atrás de uma corda, encimada por um guarda-costas.

— Não sei como consegui passar no meio daquela barreira humana. Mas me abracei com o papa e senti muito amor por ele e pelo que representa. Ele falou que, em nome de Deus, me abraçava e a minha família — contou depois Daniela.

Em frente à casa de número 35 o papa parou novamente. Dirigiu-se à família do botleiro José Rikimar de Araújo, após abraçar a todos, seguiu ao lado de Daniela, a filha de três anos. Dezenas de vezes o moço não se repetiram durante sua visita ao Vidigal.

■ NA CAPELA

As 19h30, o papa encerrará o dia, dando o seu discurso final. As 19h30, no centro do santuário, seguirá para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Rua de São Francisco, Avenida Presidente Vargas, Avenida Brasil, Estádio do Maracanã, onde Paulo II encerrará à noite.



O papa deu um anel de ouro aos favelados em sua visita ao Vidigal.

Fonte: O Globo em 03 de julho de 1980.

Em março de 1986, foi a vez da Princesa Anne, da família real Britânica, visitar o morro do Cantagalo para conhecer a sede da associação dos moradores e uma igreja local, antes disso já havia visitado o mirante Dona Marta, localizado na favela Santa Marta, em Botafogo e o Cristo Redentor, na Floresta da Tijuca. O jornal destaca a visita à favela juntamente com a foto de sua passagem pelo ponto turístico mais famoso da cidade do Rio de Janeiro, o Cristo Redentor, colocando os dois em um mesmo patamar de localidades escolhidas pela princesa em sua visita à cidade.

Figura 9: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 25 de março de 1986.



Foto de Jorge Mello

Princesa vai ao Cristo e hoje visita uma favela

A Princesa Anne, que ontem chegou ao Rio, cumpriu um programa intenso: visitou o Mirante Dona Marta e o Corcovado, onde subiu a escada até o Cristo sem descansar uma vez sequer, visitou a British Petroleum Mineração e juntou no Palácio das Laranjeiras, como convidada do Governador Leonel Brizola e em companhia de políticos do PDT e empresários. Dois agentes da Scotland Yard acompanham todos os passos da Princesa no Rio. Hoje, ela faz uma visita à Favela do Cantagalo, onde conhecerá a sede da Associação dos Moradores e uma igreja da comunidade de favelados.

Página 11

O cruzado hoje vale Cr\$ 1.103,82

Fonte: O Globo em 25 de março de 1986.

Contudo, nem todas as excursões realizadas pelos visitantes ilustres eram bem recebidas por parte dos moradores das favelas. Em 1984 o ex-presidente dos Estados Unidos da América, Jimmy Carter, esteve no morro Pavão e Pavãozinho, acompanhado do então governador da cidade, Leonel Brizola. Já em 1985, a favela recebeu o presidente da França, François Mitterand e em 1986, o visitante foi o senador democrata americano, Edward Kennedy.

A reportagem que foi consultada, relata que a visita de Carter, em 1984, não foi tão positiva na percepção dos moradores, que questionaram a necessidade de obras de infraestrutura básica, salientando que se sentiam até honrados, porém, não bastava visitar, ele deveria ter contribuído de alguma forma para a melhoria da localidade, fazendo uma referência à iniciativa que o Papa teve em visita ao morro do Vidigal, onde doou um anel de ouro para a localidade, que já mencionamos anteriormente.

Gradativamente o número de visitantes ilustres que incluíram a favela em seu roteiro pela cidade do Rio de Janeiro foi aumentando e tornando-se cada vez mais frequente, assim como a diversificação nas opções de favelas a serem visitadas, onde já começamos a observar uma migração das favelas da zona central, muito procuradas até meados da década de 1930, para as favelas que foram surgindo e se consolidando na zona sul da cidade.

Na década de 1990, mais precisamente no ano de 1992, a favela teve seu recorde de visitantes internacionais, em sua maioria pelo advento da conferência das nações unidas pelo meio ambiente e o desenvolvimento sustentável, a ECO-92. Tal evento reuniu na cidade do Rio de Janeiro políticos, ativistas, ambientalistas, líderes religiosos e trouxe consigo uma

enxurrada de turistas estrangeiros de todas as partes do mundo.

A Eco-92 pode ser considerada um marco na história do turismo receptivo na cidade do Rio de Janeiro, pois sua realização deu origem a muitos roteiros turísticos pela cidade e colocou o *favela tour* de

uma vez por todas no guia turístico carioca, popularizando o roteiro e tornando-o acessível a qualquer pessoa, de qualquer origem, seja ele ilustre ou não, que estivesse disposta a desembolsar uma determinada quantia para a realização do passeio.

Figura 10: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 13 de junho de 1992.



Favelas e meninos de rua viram pontos turísticos do Rio

Fonte: O Globo em 13 de junho de 1992.

Durante a ECO-92 os jornais não pararam de noticiar excursões às favelas realizadas pelos ícones mais ilustres que participaram do evento, como vemos abaixo na imagem a esposa do Primeiro-Ministro do Canadá, Mila Mulroney e o líder religioso Dalai Lama em visita à Rocinha.

Nesta matéria vemos a inserção do termo “ponto turístico” ao noticiar uma excursão à favela. Diferente de tudo que já vimos nas reportagens anteriores, nesse momento a mídia fomenta o turismo em favela, aceitando a existência dessa atividade que por muitos anos fora noticiada como excursões exóticas. Ao tratar a favela como ponto turístico abre-se uma série de discussões no campo das ciências sociais, por parte da sociedade e das autoridades da época. Mas, de fato, nesse momento a atividade popularizou-se entre os turistas estrangeiros que vinham para o Brasil na década de 1990.

Em especial, depois de fevereiro de 1996, quando Michael Jackson desceu de helicóptero no morro Dona Marta, em Botafogo, para a gravação do clipe da música: “They don’t care about us”, antes disso, esteve no pelourinho, em Salvador, na Bahia. A escolha da favela como locação gerou uma grande polêmica sobre a imagem do Brasil que seria transmitida para o mundo. Ele ficou por 5 horas na

favela, acenou para os moradores que se amontoavam pelas lajes em busca de um bom lugar para ver o astro norte-americano.

Figura 11: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 12 de fevereiro de 1996.



Fonte: O Globo em 12 de fevereiro de 1996.

De todas as visitas aqui relatadas até o momento, a do cantor *pop* foi a mais emblemática de todas, pela sua repercussão na mídia e o despertar de análises mais profundas sobre a exploração da favela pelos meios de comunicação e pela indústria do turismo.

A repercussão da visita de Michael foi tão grande, que até o governador da cidade do Rio de Janeiro na época, Marcelo Alencar, ameaçou proibir judicialmente a gravação do clipe na favela. Houve um movimento por parte da secretaria de comércio e turismo, juntamente com empresários do setor de serviços, pedindo uma atitude do governo que impedisse Michael de usar a favela como set de filmagem. Tal medida não aconteceu e a visita dele só fez consolidar o cenário turístico das favelas cariocas, promovendo ainda mais a favela Santa Marta com mais uma possibilidade de turismo em favelas, que até então concentrava-se na Rocinha, Vidigal e Providência.

Em outubro de 1997, o presidente americano Bill Clinton visitou a favela da Mangueira, onde fez um discurso, abraçou moradores, jogou futebol, tocou

tamborim e assistiu a uma apresentação do GRES Estação Primeira de Mangueira. Sua passagem pelo país foi muito conturbada, dias antes da sua chegada não sabia-se ao certo a programação oficial do presidente e havim muitas divergências entre a segurança idealizada pelo Brasil com as exigências norte-americanas. Mas no final, tudo correu como o esperado e o presidente quebrou o protocolo e caiu no samba.

Com uma manchete irônica, o jornal acima retrata a continuidade da prática do *slumming* ainda na década de 1990. Com ares mais simpáticos, a imersão no cotidiano da localidade com música, dança e prática de esportes mostra uma tentativa de interação social, trazendo a tona a continuidade desse processo em forma de atividade turística. Diferente da atividade como era realizada em sua origem na sociedade inglesa, o *slumming* brasileiro tinha seu preço, seu roteiro detalhado e tempo de duração pré estabelecidos por empresas que começaram a surgir nessa época, e a especializar-se em trabalhar com o que entendia-se, até esse momento, como turismo exótico.

Figura 12: Reportagem publicada pelo jornal O globo em 16 de outubro de 1997.



Fonte: O globo em 16 de outubro de 1997.

Em maio de 1999, a rainha da Dinamarca, Margrethe II, durante sua visita ao Brasil, esteve no Morro do Pereirão, em Laranjeiras. Sentada em uma cadeira confortável trazida do Palácio Guanabara, a rainha assistiu apresentações de capoeira, tai chi chuan e kung fu. A visita foi idealizada pelo então prefeito da cidade, Luis Paulo Conde, que também participou do passeio junto com sua esposa. A favela foi toda decorada com balões brancos e vermelhos em homenagem à bandeira da Dinamarca. A escolha do Pereirão se deu pelo projeto da prefeitura em pacificar esta área, que contava com a sede do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro.

Também no ano de 1999, a cidade recebeu a Cimeira, uma conferência da ONU em menor escala, para discutir os avanços desde a ECO-92. Esse evento trouxe 46 Chefes de Estado, enquanto a ECO-92 recebeu 114, mas também foi importante e aqueceu ainda mais a indústria do turismo, que para a Cimeira preparou roteiros especiais, fora do tradicional, incluindo o Vale do Café, Favelas, fábricas de automóveis e praias da Região dos Lagos. O intuito era promover outros pontos turísticos no estado do Rio de Janeiro e, para isso, os roteiros foram destinados aos jornalistas internacionais que vieram cobrir o evento.

A favela da vez foi o Morro da Serrinha em Madureira, lugar onde nasceu o G.R.E.S Império Serrano, um dos ícones do carnaval carioca. A Serrinha, diferente de outras favelas, tem uma forte influência africana, que se deu pelo povoamento da localidade por ex-escravos oriundos das lavouras da região. Os visitantes foram levados a lugares onde aconteciam rituais espirituais, como a pedra de Xangô, no alto da favela. O roteiro foi realizado pelos Chefes de Estado sob o guiamento da presidente da associação dos moradores, Sandra Nogueira. O roteiro foi organizado pela prefeitura para mostrar as obras do projeto favela bairro. Porém, isso não foi capaz de fazer da Serrinha mais uma favela turística na cidade.

Em setembro de 2002 o famoso pintor irlandês Sean Scully veio à cidade do Rio de Janeiro a convite da prefeitura para proferir uma palestra e não perdeu a oportunidade de realizar um passeio pela favela da Rocinha. Subiu o morro com um pesado aparato fotográfico e registrou cada detalhe do que viu, além de fotografar alguns moradores. Durante o caminho parou em uma barbearia e lembrou da sua infância humilde em Dublin. O pintor escolheu fazer o passeio à pé e dispensou as empresas de turismo locais, ao chegar na laje se encantou com a vista do alto do morro.

Pela segunda vez no Brasil, o Príncipe Charles, em março de 2009, visitou a favela da Maré juntamente com sua esposa Camila Parker. Eles foram recepcionados por assistentes no GRES Gato de Bonsucesso, que o fez lembrar da sua primeira visita à cidade, em 1978, quando sambou junto à assistente do GRES Beija-Flor de Nilópolis, Piná. Sua visita à favela Nova Holanda, dentro do Complexo da Maré se deu em função da ONG Luta Pela Paz. A visita teve a companhia da secretária de assistência social e direitos humanos, Benedita da Silva. O príncipe assistiu a uma roda de capoeira e conversou com jovens contemplados pelos projetos da ONG.

Figura 103: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 12 de março de 2009.



Fonte: O globo em 16 de outubro de 1997.

Depois de Michael Jackson, "o rei do pop", Madonna, "a diva pop", visitou o morro Dona Marta, em Botafogo a convite do governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, em novembro de 2009. A cantora assistiu à uma apresentação de street dance e de um grupo de cordas e sopros na quadra da favela. A visita foi para que ela conhecesse o projeto Ação Social pela Música do Brasil. Madonna também convidou crianças da favela Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, para passarem o dia com ela em seu hotel.

Em 2011, o presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, foi à favela Cidade de Deus, na zona oeste para visitar a Fundação para Infância e Adolescência. Passou 30 minutos na favela e assistiu uma apresentação de capoeira e percussão, acompanhado da sua esposa, a primeira dama Michelle Obama e suas duas filhas. O presidente interagiu com as pessoas da plateia e chegou a abraçar algumas crianças do projeto.

Figura 14: Foto publicada pela revista Veja online em 20 de março de 2011.



Fonte: revista Veja online em 20 de março de 2011.

Em virtude do evento religioso católico Jornada Mundial da Juventude, em julho de 2013 a cidade do Rio de Janeiro recebeu mais uma vez um Papa, o primeiro latino a ocupar o cargo de líder da igreja católica apostólica romana. O Papa Francisco fez questão, assim como João Paulo II, de visitar e também celebrar uma missa em uma favela carioca. Para isso a arquidiocese escolheu Varginha, no complexo de Mangunhos. Para a celebração da missa foi construído um grande palco na quadra da favela e algumas casas foram selecionadas para receberem a visita do Papa. Mesmo debaixo de chuva, as pessoas se amontoaram nas proximidades para terem a chance de ver o pontífice de perto. Sempre muito simpático e acolhedor, o Papa Francisco percorreu a favela de carro com a janela aberta cumprimentando seus moradores, depois caminhou por uma das ruas, onde entrou em algumas casas de fiés, sob as lentes de toda a mídia nacional e internacional, que transmitiram ao vivo toda a sua estada na favela.

Figura 15: Reportagem publicada pelo jornal O Globo em 24 de junho de 2015.



O papa Francisco cumprimenta um morador durante visita à Favela da Varginha, no Complexo de Mangunhos - Pablo Jacob / Agência O Globo (25/07/2013)

Fonte: O Globo em 24 de junho de 2015.

A lista de políticos, celebridades e famosos, de um modo geral, que visitaram e visitam as favelas cariocas é ainda mais extensa. Podemos enumerar muitos outros casos como a primeira dama francesa e cantora Carla Bruni, que visitou o morro do Cantagalo no bairro de Copacabana em 2008, o ator norte-americano Sylvester Stallone, que esteve na favela Tavares Bastos, no bairro do Catete, também em 2008. O Cantor Lenny Kravitz e o ator norte-americano Edward Norton, ambos visitaram a cidade em 2007, o cantor escolheu a Rocinha e o ator visitou a Tavares Bastos.

Desde as primeiras incursões até os dias de hoje, podemos observar essa longa trajetória da visita das favelas que foi acompanhada de perto pela mídia nos ajudando a compreender o longo caminho que culminou na favela de hoje, um atrativo turístico consolidado no cenário turístico da cidade. Ainda hoje, a favela desperta a curiosidade de famosos e anônimos recebendo milhares de visitantes todo o mês.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo elucidar a trajetória das visitas às favelas cariocas desde o seu surgimento, acompanhando seu desenvolvimento e consolidação no território da cidade.

A favela surgiu como consequência de diversos fatores e foi se estabelecendo na ausência de medidas, por parte do governo, que buscassem solucionar a crise habitacional que perdura até os dias de hoje. A cidade capitalista avança e com ela um dos seus maiores problemas: a desigualdade social.

O *slumming*, que poderia ser traduzido a grosso modo como “favelando”, foi por muito tempo um *hobby* da elite vitoriana inglesa, que fez dessas incursões uma espécie de *status*.

Pode-se observar que o interesse dos abastados pela pobreza como algo exótico e excêntrico a ser desbravado não foi uma invenção da indústria do turismo e tão pouco teve seu início no “*favela tour*” carioca. Nota-se que as visitas, durante muitos anos, foram incentivadas pelo poder público, responsável por incluí-las no roteiro de atividades celebridades, líderes religiosos, políticos e artistas de um modo geral.

Um dos casos mais paradigmáticos foi a gravação do clipe do cantor americano, Michael Jackson, na favela Santa Marta. A escolha do local para as filmagens e a possibilidade da veiculação da favela em âmbito mundial sofreu duras críticas e ataques dos governantes na época. Observamos que levar um príncipe à favela para conhecer projetos sociais e assistir a um show de samba, numa espécie

de atividade altruísta, era permitido, mas fazer da favela cenário para um clipe de imensa repercussão, era denegrir a imagem da cidade. Vemos duas formas de enxergar esse espaço de acordo com a conveniência do momento.

A favela, sempre teve o seu valor e sua utilidade, porém, nunca uma autonomia perante a cidade que a exclui, que a transforma em espaço marginal. Ainda que as fronteiras não sejam bem delimitadas, o muro social que divide os dois mundos continua a ser alimentado por esse imaginário que se formou em torno das favelas. Os primeiros visitantes e seus relatos nos levam a compreender melhor esse perfil de favela que ainda desperta curiosidade nos dias de hoje.

O turismo, enquanto atividade social e mercadológica, viu o potencial desse espaço e decidiu explorar esse imaginário, que no presente artigo vimos ser construído através da trajetória das visitas. Cada relato, reportagem, imagem, charge e crônica foi contribuindo para o estereótipo das favelas, instigando a curiosidade das pessoas com relação a esse espaço da cidade. As pessoas queriam saber como viviam os habitantes das favelas, como eram suas casas, como se organizava aquele local peculiar. As descrições da vista privilegiada sobre a cidade, do caminho íngreme e lamacento para se alcançar o topo dos morros, o material usado nas construções dos casebres, atualmente conhecidos como barracos, tudo isso foi sendo encaixado como peças de um quebra-cabeça e montando a imagem da favela.

REFERÊNCIAS

- BACKHEUSER, Everardo. *Habitações Populares*. Relatório apresentado ao Exmº Sr. Dr. J. J. Seabra, Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1996.
- BENCHIMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Ed.) *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Celso. A natureza turística do Rio de Janeiro. In: BARRETO, Margarita; BANDUCCI JR., Álvaro. *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papius, 2001.
- CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 2003.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende reflexões polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 65, v. 22, pp. 61-72, 2006.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; MENEZES, Palloma. Fotografando a pobreza turística. *Revista Antropológicas*, v. 20, pp. 173-198, 2009.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; MENEZES, Palloma. Turismo e patrimônio num território em conflito: o caso do morro da providência. In: Anais... do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: "Cidade, Território e Urbanismo: Heranças e Inovações", de 08 a 10 de outubro, Recife/PE, 2008.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Gringo na laje*: Produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- NAPOLITANO, Marcos. "O fantasma de um clássico": recepção e reminiscências de Favela dos Meus Amores. *Revista de Cultura Audiovisual*, n. 32, v. 36, 2009.
- VALLADARES, Licia do P. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- VALLADARES, Licia do P. Cem anos pensando a pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHI, Renato (Org). *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Rio Fundo, 1991.

Processo Editorial / Editorial Process

Editor Chefe/Editor-in-chief: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido em 29 de Janeiro de 2018; aceito em 22 de Junho de 2018; publicado online em 09 de Julho de 2018.

Received on January 29, 2018; accepted on June 22, 2018, published online on July 09, 2017.

Artigo original / Original article. Seção revisada por pares / Double bind review section.